

## A REPRESENTAÇÃO DA LUTA NACIONALISTA E DOS EFEITOS DA GRANDE FOME EM “BLACK ‘47” (2018)

**Rosilaine Costa dos Santos**

(UFBA – Graduanda)

**Leice Daiane de Araújo Costa**

(UFBA – Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>Rosilaine Costa dos Santos</b> é Graduanda em Letras Vernáculas com uma Língua Estrangeira pela UFBA. Pesquisadora da Association for Research on Irish Studies (UFBA). E-mail: <a href="mailto:mailto:breezy16.rc@gmail.com">mailto:breezy16.rc@gmail.com</a></p> <p><b>Leice Daiane de Araújo Costa</b> é Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Pesquisadora do Grupo TOPUS – Espaço, Literatura e outras Artes. E-mail: <a href="mailto:mailto:breezy16.rc@gmail.com">mailto:breezy16.rc@gmail.com</a></p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>“Black ‘47” (2018) é um filme irlandês do gênero drama-ação que retrata o período na história da Irlanda conhecido como Grande Fome (1845-1852). Tal evento resultou na morte de milhares de irlandeses, em consequência de doenças causadas por inanição, bem como na diáspora irlandesa. Nesse momento, o país estava sob o domínio do Império Britânico, situação econômica e política que veio a contribuir para intensificar os efeitos do evento. Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise crítico-descritiva acerca da luta nacionalista irlandesa e dos efeitos da Grande Fome representados em “Black ‘47”. Para desenvolver a análise, foram utilizadas fontes bibliográficas que tratam do contexto econômico, social e político do período. Para os aspectos gerais do filme, a metodologia adotada é “análise de conteúdo” e o método adotado é “análise interna” (PENAFRIA, 2009). Para análise dos temas representados no filme, o método escolhido é “análise externa” (PENAFRIA, 2009), por meio de argumentação e indicação contextual de cenas. A metodologia escolhida para análise do contexto econômico, social e político representado na narrativa fílmica tem como base a contextualização e o roteiro de perguntas de George Rudé (1971) para a pesquisa sobre movimentos e lutas sociais. Acreditamos que este artigo pode servir de referencial bibliográfico ou material de consulta para outras pesquisas. A relevância deste estudo reside em refletir criticamente acerca de um evento histórico que causou impactos reais na vida e no imaginário nacional irlandês e sobre a conjuntura econômica, social e política da época, dando destaque à luta nacionalista da população camponesa pobre do século XIX na Irlanda.</p>	<p>“Black ‘47” (2018) is an Irish film in the drama-action genre that portrays the period in Irish history known as the Great Famine (1845-1852). That event resulted in the death of thousands of Irish people as a result of diseases caused by starvation, as well as in the Irish diaspora. At that time, the country was under the control of the British Empire, an economic and political situation that came to contribute to intensify the effects of the event. This article aims to present a critical-descriptive analysis about the Irish nationalist struggle and the effects of the Great Famine represented in “Black ‘47”. To develop the analysis, bibliographic sources were used that deal with the economic, social and political context of the period. For the general aspects of the film, the methodology adopted is “content analysis” and the method adopted is “internal analysis” (PENAFRIA, 2009). For the analysis of the themes represented in the film, the method chosen is “external analysis” (PENAFRIA, 2009), through argumentation and contextual indication of scenes. The methodology chosen for the analysis of the economic, social and political context represented in the film narrative is based on the contextualization and the script of questions by George Rudé (1971) for research on social movements and struggles. We believe that this article can serve as a bibliographic reference or reference material for other researchers. The relevance of this study lies in reflecting critically on a historical event that had a real impact on Irish life and national imagination and on the economic, social and political situation of the time, highlighting the nationalist struggle of the poor peasant population of the 19th Century in Ireland.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Grande Fome. Nacionalismo irlandês no século XIX. População camponesa pobre da Irlanda. Domínio Britânico.	Great Famine. Irish Nationalism in the 19th century. Irish poor peasant population. British Domain.

## 1 INTRODUÇÃO

“Black ‘47” é um filme irlandês do gênero drama-ação lançado em 2018, escrito por Lance Daly e dirigido por Pierce Ryan, Lance Daly, Eugene O’Brien e P. J. Dillon. A narrativa fílmica retrata um recorte temporal do período catastrófico da Grande Fome na Irlanda, em que também é possível perceber o imaginário nacionalista irlandês do período. Assim, este artigo apresenta os resultados de uma análise crítico-descritiva acerca da representação da luta nacionalista irlandesa e dos efeitos da Grande Fome na vida da população camponesa pobre no filme “Black ‘47”.

O questionamento que dá base a este artigo é: Como a luta nacionalista irlandesa do século XIX e os efeitos da Grande Fome na Irlanda estão sendo representados no filme? Para o desenvolvimento argumentativo, levaram-se em consideração elementos históricos e socioculturais referentes ao contexto econômico, social e político, bem como aos movimentos nacionalistas irlandeses do século XIX.

Para o desenvolvimento da análise, como base teórico-histórica, foram consultados/utilizados materiais bibliográficos que tratam do contexto político, social e econômico do período em questão (causas e consequências), destacando-se as contribuições de Steve Coleman (2003), Honor Fagan (2003), Brian Glynn (2016) e Geraldine Moane (2002). Definições para “nacionalismo” e “nacionalismo irlandês” são construídas a partir de Eugene O’Brien (2001), Samuel Guimarães (2008) e Benedict Anderson (2008). Acerca dos movimentos nacionalistas irlandeses do século XIX, dá-se destaque aos estudos de Jane Ohlmeyer (2016), Bruce Nelson (2012) e Hugh Pollard (1922). Ainda, o conceito “identidade de classe” é utilizado para o desenvolvimento argumentativo da análise, conforme André Salata (2015).

Para os aspectos gerais do filme, a metodologia adotada é “análise de conteúdo”, conforme Manuela Penafria (2009), a fim de decompô-lo, tendo como ponto de partida e horizonte o(s) tema(s) que o filme trata (PENAFRIA, 2009, p. 1) e o método adotado é “análise interna” (PENAFRIA, 2009, p. 7). No caso de “Black ‘47”, os temas são a Grande Fome na Irlanda e a luta nacionalista irlandesa do século XIX. Para tanto, o método escolhido é “análise externa”, considerando “o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico” (PENAFRIA, 2009, p. 7). O desenvolvimento da análise se dá por meio de argumentação crítico-descritiva e indicação contextual de cenas (trechos de diálogos). A metodologia escolhida para análise do contexto econômico, social e político representado na narrativa fílmica tem como base a contextualização e o roteiro de perguntas de George Rudé (1971) para a pesquisa sobre movimentos e lutas sociais.

Diante das discussões possibilitadas pelas análises interna e externa do filme,

acreditamos que este artigo possa servir de referencial bibliográfico ou material de consulta para outras pesquisas. Assim, a relevância deste estudo reside em apresentar uma reflexão crítica acerca de um evento histórico que causou impactos reais na vida e no imaginário nacional irlandês – Grande Fome –, e sobre a conjuntura econômica, política e social da época, dando destaque à luta nacionalista da população camponesa pobre do século XIX na Irlanda.

## 2 GRANDE FOME NA IRLANDA: CAUSAS E EFEITOS

O movimento no século XIX significou deslocamento, ruptura e trauma na Irlanda. Estava associado à fome, ao latifundiário britânico e ao desemprego. A emigração foi, de fato, o trauma nacional (FAGAN, 2003, p. 118, tradução nossa).

A Grande Fome (1845-1852) resultou na morte de milhares de irlandeses – como consequência de doenças causadas por inanição –, bem como na diáspora irlandesa para outros países europeus e países da América do Norte. Estima-se que mais de dois milhões de irlandeses sofreram diretamente os efeitos da Grande Fome: metade morreu; a outra metade imigrou para países como os Estados Unidos da América, Inglaterra e Grã-Bretanha (MOANE, 2002; NELSON, 2012; GLYNN, 2016).

Nesse momento, a Irlanda estava sob o domínio do Império Britânico, que contribuiu para intensificar as consequências negativas do evento. A relação entre Grã-Bretanha e Irlanda era puramente colonial (colonizador/opressor-colonizado/oprimido, respectivamente). O país passava por grandes desigualdades sociais, pois era cercado por latifúndios. Os proprietários (os latifundiários) das terras arrendadas pelos pequenos agricultores irlandeses eram, em sua maioria, ingleses e viviam fora do território irlandês.

O pontapé inicial do período da Grande Fome foi a perda da produção europeia de batatas devido a uma praga, o míldio da batata. As plantações infectadas pela praga se tornaram impróprias para o consumo, pois as batatas apodreciam ainda no ramo. A maior parte da produção irlandesa de batatas e de grãos era exportada para a Grã-Bretanha. A população camponesa era obrigada a pagar impostos aos latifundiários pela moradia em uma pequena porção de terra, onde plantava e de onde retirava o sustento familiar.

No país, era praticada a monocultura. Cultivada em larga escala, a batata era a única fonte de sustento segura para a população camponesa, devido ao custo-benefício do cultivo deste tubérculo: baixo valor requerido para a produção, riqueza nutricional e curta extensão de terra necessária para o plantio. Além disso, as famílias destinavam parte da colheita para a alimentação dos animais a serem abatidos. Ao passar do tempo,

as porções de terra arrendadas pelos camponeses ficaram cada vez menores e os impostos cobrados pelos proprietários cada vez mais altos, tornando precária a subsistência das famílias camponesas.

Os conflitos político-religiosos se davam entre católicos e protestantes anglicanos. A maioria da população era católica. A população protestante anglicana não sofreu diretamente os efeitos da Grande Fome, pois era, em sua maioria, formada por latifundiários que viviam em localidades ao nordeste da Irlanda. Em realidade, alguns protestantes se aproveitaram do momento desolador para anglicizar a população camponesa, com o apoio da coroa britânica, ofertando-lhe sopa de maneira gratuita. No período, Belfast (capital da Irlanda do Norte) era o centro comercial e industrial da Irlanda e não Dublin (capital da República da Irlanda).

A repressão policial contra a população camponesa era feita por soldados ingleses e irlandeses. Ao atingirem idade ideal, jovens irlandeses do sexo masculino eram obrigados a se alistar e servir ao Exército Britânico. A consequência disso é que, no período, mais de 40% do Exército Inglês era formado por irlandeses (NELSON, 2012). Por muito tempo, o episódio foi considerado por alguns irlandeses uma parte vergonhosa da história do país, pois não conseguiam aceitar facilmente o fato de que alguns familiares teriam servido ao exército de seus opressores (OHLMEYER, 2016).

É fato que a política econômica britânica de austeridade contra a Irlanda levou a população camponesa ao enfrentamento de um contexto social desumano e desolador dentro e fora da Irlanda, com consequências irreparáveis à vida das vítimas, mesmo num contexto pós-tragédia. De acordo com Geraldine Moane (2002, p. 114, tradução nossa),

o sofrimento associado à fome e à desnutrição, o horror de testemunhar a morte, a luta feroz e desesperada pela sobrevivência, a tristeza e o isolamento à medida que as famílias e as comunidades se desintegravam, o desespero e os esforços para sustentar a vida se mostraram infrutíferos, a raiva pela retenção de alimentos e outras injustiças sociais óbvias estão entre as reações psicológicas a esse evento.

Citando o estudo de Deborah Peck (2000) sobre os efeitos negativos da Grande Fome na saúde mental de irlandeses imigrantes, Geraldine Moane (2002) ressalta que contextos sociais de cidades como Boston e Nova Iorque não contribuíram para a recuperação do trauma causado pelo evento; pelo contrário, acentuaram-no. Isso é revelado pela observação da grande quantidade de imigrantes irlandeses que procuraram ajuda em instituições psiquiátricas após o evento. De acordo com os autores, “a perda da língua nativa e as experiências de pobreza e racismo anti-irlandês agravaram os traumas da fome e impediram os sobreviventes de curar ou expressar sua tristeza e outras emoções” (PECK, 2000 *apud* MOANE, 2002, p. 115, tradução nossa).

Os efeitos devastadores serviram de matéria-prima para manifestações artísticas e

culturais de artistas e intelectuais importantes para a construção do imaginário nacional irlandês. Portanto, são comuns manifestações culturais que fazem referência a um passado histórico traumatizante, ancorado num discurso nacionalista épico-trágico: o discurso romantizado, resgatado na representatividade de figuras heroicas da história nacional, sobre a ideia de que tais representantes não hesitaram morrer pelo sonho de tornar a Irlanda uma nação livre do domínio britânico (GLYNN, 2016). Nessa perspectiva, o passado de dor e sofrimento da Irlanda é transformado em representação histórica acerca da resiliência de irlandeses, ressaltada pelo histórico de lutas políticas e enfrentamentos de movimentos sociais contra o colonialismo britânico.

### 3 NACIONALISMO IRLANDÊS NO SÉCULO XIX

No contexto irlandês, o lococentrismo é o *locus standi* da identidade nacionalista: na grande maioria dos casos, nasce unionista ou nacionalista. Se alguém mora na Falls Road<sup>1</sup>, é nacionalista; se mora na Shankill<sup>2</sup>, é unionista (O'BRIEN, 2001, p. 11-12, tradução nossa).

O nacionalismo está relacionado à construção da noção de uma identidade humana coletiva baseada em laços afetivo-ideológicos em torno de ideias como homogeneidade e coesão, observadas em trocas culturais e manifestações sociais diversas afins. Quando restritas ao espaço, estas trocas correspondem à nação. A noção cultural sobre nação se configura naquilo que Benedict Anderson define como “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008). Nesse sentido, O'Brien (2001, p. 11, tradução nossa) conclui que

as raízes do nacionalismo residem na homogeneidade racial, territorial, linguística e ideológica, uma homogeneidade expressa e solidificada por práticas linguísticas, culturais e religiosas e pela exclusão de qualquer outro insumo racial. A voz passiva do termo raiz, *nasci*, ‘nascido’ implica um biologismo e etnocentrismo no coração do nacionalismo.

Primeiramente, considerações conceituais acerca da palavra “nacionalismo” devem ser feitas. Por ser uma palavra de campo semântico amplo, é preciso distinguir “nacionalismo europeu” de “nacionalismo da periferia”. Tal distinção é importante, pois, diferentemente dos nacionalistas da periferia, o nacionalismo europeu teve “sua reputação definitivamente manchada pelo nazi-fascismo, que tinha, aliás, seguidores e simpatizantes ardorosos em vários outros países europeus, além de Alemanha e Itália” (GUIMARÃES, 2008, p. 147).

<sup>1</sup> Via principal de um bairro localizado a oeste de Belfast, capital da Irlanda do Norte. É majoritariamente habitado por irlandeses católicos e republicanos (nacionalistas).

<sup>2</sup> Via principal do bairro Shankill, localizado a oeste de Belfast, capital da Irlanda do Norte. É majoritariamente habitado por irlandeses protestantes e unionistas.

Ao contrário do nacionalismo europeu, o nacionalismo da periferia, surgido através da população camponesa pobre, estava relacionado a

movimentos de afirmação da nacionalidade, de recuperação de tradições, de idioma, de autonomia política e de independência, em relação inicialmente às metrópoles coloniais européias, e, mais tarde, se transformaram em movimentos de afirmação política e de desenvolvimento econômico independente dos Estados que se originaram nas ex-colônias (GUIMARÃES, 2008, p. 147).

Assim, como forma de contextualização, o nacionalismo europeu presente na Irlanda do século XIX diz respeito às ações imperialistas da coroa britânica, enquanto o nacionalismo da periferia do período está relacionado às lutas sociais que visavam ao fim do controle britânico sobre a sociedade irlandesa.

Jane Ohlmeyer (2016) cita a presença de três correntes de nacionalismo na Irlanda durante o século XIX: o nacionalismo constitucional, o nacionalismo republicano e o nacionalismo cultural. Os nacionalistas constitucionais buscavam a construção do Autogoverno (Home Rule) irlandês em meio ao contexto imperialista britânico no país. Os nacionalistas republicanos defendiam a independência completa da Irlanda a partir da criação da república. Os nacionalistas culturais utilizavam atividades literárias e intelectuais para construir a identidade cultural irlandesa, com base em luta política (OHLMEYER, 2016).

Anteriormente e durante o século XIX, devido ao contexto de colonização irlandesa, surgiram movimentos nacionalistas irlandeses dentro e fora da Irlanda. Entre grupos nacionalistas mais expressivos na história da Irlanda no século XIX estão: Irlandeses Unidos, Bandoleiros, Jovem Irlanda e Fenianos. Embora defendendo meios distintos, o objetivo comum desses grupos era tornar a Irlanda uma república democrática independente.

### 3.1 IRLANDESES UNIDOS<sup>3</sup>

As primeiras atividades do movimento remontam ao ano de 1791. Em seu curto período de existência, o movimento foi influenciado pelas revoluções americana e francesa. Os membros do grupo, a maioria protestantes dissidentes, foram os principais líderes da Rebelião Irlandesa de 1798 contra o reinado de Jorge III da Grã-Bretanha e a ascensão da burguesia anglicana na Irlanda. A Rebelião foi abafada pela assinatura do Ato de União, em 1801. O movimento, surgido em Belfast, foi destituído em 1804.

### 3.2 BANDOLEIROS<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> United Irishmen.

<sup>4</sup> Ribbonmen.

Bandoleiros foi um movimento popular de camponeses católicos. O grupo era contrário à ideologia da Ordem de Orange<sup>5</sup> – organização anglicana fundada em 1785 para frear os movimentos nacionalistas na Irlanda e defender a política unionista. Os conflitos entre os Bandoleiros e a Ordem de Orange não se restringiam à ideologia, pois houve combates corporais que causaram a morte de pessoas e a destruição de vilas. Por agir como movimento secreto em prol da reforma agrária, os membros do movimento reivindicavam melhores condições de vida para os pequenos produtores rurais irlandeses, rebelando-se contra impostos abusivos cobrados por proprietários de terra e suas ordens de despejo. Acredita-se que os Bandoleiros surgiram da integração entre dois outros grupos: Defensores<sup>6</sup> e Irlandeses Unidos, entre 1805 e 1807 (POLLARD, 1922). Por conta disso, “bandoleiros” tornou-se designação para qualquer manifestação (coletiva ou individual) contra a coroa britânica e a política latifundiária implantada na Irlanda no século XIX.

### 3.3 JOVEM IRLANDA<sup>7</sup>

Inspirados pela ideologia dos Irlandeses Unidos, o movimento surgiu na década de 1840 através de iniciativas de intelectuais irlandeses fundadores e colunistas do jornal *The Nation*: Thomas Davis (advogado protestante de Dublin) e Charles Gavan Duffy (jornalista católico de Belfast). Entre os ideais defendidos pelos membros estava a revitalização da língua irlandesa gaélica através da luta nacionalista republicana para alcançar a independência da Irlanda. Os membros do grupo exigiam a extinção do Ato de União. Os Jovens Irlandeses se inspiravam no republicanismo estadunidense e europeu. Seus membros foram os primeiros simpatizantes do nacionalismo cultural na Irlanda. Em 1847, eles formaram uma organização conhecida como Confederação Irlandesa. O movimento terminou em 1848, depois que uma revolta, promovida por membros mais radicais, foi totalmente reprimida pela coroa britânica. Considerados criminosos pelo governo britânico, os rebeldes foram presos e condenados ao enforcamento.

### 3.4 FENIANOS<sup>8</sup>

O nome do grupo faz referência a guerreiros da mitologia celta que protegem a Irlanda. O movimento feniano surge tendo como pano de fundo e impulso eventos sociais relacionados à Grande Fome. Os fenianos defendiam que a Irlanda só chegaria à independência a partir da luta armada. Entre lideranças expressivas do movimento estão

---

<sup>5</sup> Orange Order.

<sup>6</sup> Defenders.

<sup>7</sup> Young Ireland.

<sup>8</sup> Fenians.

Tom Clarke e Kathleen Clarke (líderes da Revolução da Páscoa de 1916). Uma característica histórica marcante do movimento feniano é que ele também foi apoiado por irlandeses imigrantes na Grã-Bretanha, Inglaterra e nos Estados Unidos. O movimento estava ligado à Irmandade Republicana Irlandesa – organização secreta a favor da criação de uma república democrática independente e contra qualquer forma de controle britânico sobre a Irlanda e a ideologia unionista.

### 3.5 UNIONISTAS X NACIONALISTAS

No século XIX, havia nacionalistas irlandeses que pertenciam a comunidades católicas ou a comunidades protestantes. A população colona protestante na Irlanda começou a se formar durante o século XVII, quando ingleses, galeses e escoceses se estabeleceram na província de Ulster, com o incentivo e apoio da coroa britânica (OHLMEYER, 2016).

Os conflitos políticos entre unionistas e nacionalistas estavam relacionados ao Ato de União e ao Autogoverno. Defendido pelos unionistas, o Ato de União criado entre 1800 e 1801 era um documento parlamentar que uniu a Irlanda à Grã-Bretanha, dando surgimento ao Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Liderado por nacionalistas, o Autogoverno se constituiu em movimentos políticos que demandavam maior independência da Irlanda à coroa britânica, exigindo a criação do Parlamento Irlandês na Grã-Bretanha. Até ser finalmente aprovada em 1920, sob o nome de Ato do Governo da Irlanda, a Lei teve três projetos anteriores, em 1886, 1893 e 1912.

A aprovação do Ato do Governo da Irlanda se deveu ao aumento da tensão política entre unionistas e nacionalistas, culminando na Guerra da Independência em 1919 – protagonizada pelo Exército Republicano Irlandês (IRA) contra forças de segurança britânicas. O acirramento dos conflitos políticos entre os grupos resultou na separação espacial e constitucional entre Irlanda do Norte e Irlanda do Sul através do Tratado Anglo-Inglês, assinado em 6 de dezembro de 1921.

Como consequência do eco causado pela Revolta da Páscoa de 1916 e o reconhecimento de líderes republicanos no parlamento britânico em 1918, em 6 de dezembro de 1922 o Ato do Governo da Irlanda é substituído pelo Estado Livre Irlandês, sob o Tratado Anglo-Inglês. O Tratado dividiu os 32 condados que formavam o território irlandês: 26 condados passaram a integrar a Irlanda do Sul e os condados restantes, a Irlanda do Norte. No dia 29 de dezembro de 1937, após mais de uma década de negociações e de lutas sociais populares, entra em vigor a Constituição da Irlanda do Sul. O país se torna república em 18 de abril de 1949, passando a se chamar República da Irlanda, tendo um presidente com autoridade executiva sobre o Estado e relações exteriores.



### 3.6 REPRESSÃO CONTRA MOVIMENTOS NACIONALISTAS NA IRLANDA

Crime and Outrage Bill foi um Projeto de Lei aprovado pelo Parlamento britânico em dezembro de 1847. A Lei foi criada devido ao aumento de movimentos nacionalistas irlandeses, provavelmente como consequência da política econômica de austeridade posta em prática na Irlanda pela coroa britânica frente à Grande Fome. O objetivo da coroa britânica era impossibilitar que rebeliões violentas contra o domínio britânico na Irlanda ocorressem.

#### 4 “BLACK ‘47”: UMA ANÁLISE CRÍTICO-DESCRITIVA

O recorte temporal do filme é 1847, dois anos após o início da Grande Fome na Irlanda. Historicamente, 1847 é conhecido como o ano mais severo da Irlanda sob a Grande Fome. Isso pode ser percebido pela atmosfera climática que representa o inverno e pela cenografia dedicada a demonstrar a vida cotidiana da população camponesa. As cenas que representam o cotidiano camponês do contexto parecem dar vida às esculturas do monumento “Famine Memorial”, de Rowan Gillespie (1997), localizado à margem do Rio Liffey.

Os personagens principais são: Martin O’Feeney (desertor irlandês), Inspetor Hannah (soldado inglês), Capitão Pope (soldado inglês), Conneely (contador de histórias irlandês), Hobson (tropeiro), Ellie (cunhada de O’Feeney), Roisin (sobrinha de O’Feeney), Michael (sobrinho de O’Feeney), Beartla O’Naughton (coletor de aluguel), Sr. Cronin (capataz), Lord Kimichael (latifundiário inglês) e Fitzgibbon (sargento). O protagonismo do filme é dividido entre os personagens O’Feeney e Hannah. Dois contextos de conflito podem ser observados: um macro e o outro micro. No contexto macro, o conflito é estabelecido entre a coroa britânica e a população camponesa irlandesa. No contexto micro, o conflito é travado entre O’Feeney e os soldados ingleses Hannah e Pope.

As primeiras cenas mostram Hannah interrogando um membro do Jovem Irlanda. Isso pode ser presumido pelo diálogo entre os dois personagens, quando Hannah diz ao rebelde a seguinte frase: “Eu simpatizo com os Jovens Irlandeses”. Enfurecido por ter sido lembrado pelo rebelde de sua posição na hierarquia colonial inglesa, Hannah acaba matando o prisioneiro, revoltando a coroa britânica, que o sentencia à morte.

Após abandonar o Exército Britânico, O’Feeney retorna à Irlanda, a fim de reencontrar sua família. Ao chegar, ele descobre que sua mãe morreu vítima da febre (provavelmente, tifo) devido à má nutrição e seu irmão fora enforcado após ter esfaqueado o oficial de justiça que derrubou o telhado de sua casa. Assim, no começo da narrativa, da família de O’Feeney restam apenas sua cunhada e seus três sobrinhos. Até o

final da narrativa, esse número é reduzido. Diante do que ocorreu com seus familiares, O'Feeney decide fazer justiça com as próprias mãos.

Para conseguir sobreviver, a família de Ellie se alimentava principalmente de ervas. O'Feeney anuncia que está indo para a “América”, e pergunta a eles se querem ir também. Pelo silêncio de Ellie, a resposta parece ter sido negativa. Enquanto caminham, Ellie explica a O'Feeney o que houve com as plantações de batata, sobre a repressão policial, os impostos abusivos cobrados pelos latifundiários e a febre que matou muitos. Com relação à febre, ela conta que ainda estavam vivos porque tomaram a sopa oferecida pelos anglicanos, exceto a mãe de O'Feeney, pois “ela tinha medo de ir para o inferno”, ele conclui.

As cenas que representam a Grande Fome parecem recriar o cotidiano rural da época: retratam o país como um campo de concentração a céu aberto, isto é, uma Irlanda onde a população camponesa, vestida em trapos, definhava devido à inanição e os cadáveres eram jogados em buracos comuns. Assim, o que se observa é que o visual recriado pretende rememorar “uma experiência quase inimaginável se não fossem cenas televisivas atuais que mostram pessoas morrendo de fome ao redor do mundo” (MOANE, 2002, p. 114, tradução nossa).

O'Feeney chega no exato momento em que sua família está recebendo ordem de despejo pelos oficiais de justiça a mando de Sr. Cronin, que ameaçam retirar o telhado da casa. Ele tenta impedir, prometendo pagar os impostos devidos, mas é reprimido à força, pois se trata de ocupação ilegal. Michael é assassinado após esfaquear o oficial de justiça e ter sido reconhecido como “ladroezinho” por Fitzgibbon. Detido por “perturbação da ordem” e “interferência em ação policial”, O'Feeney é descoberto como “desertor”.

Após fugir, O'Feeney vai à procura de sua família, mas já é tarde: Ellie e a criança mais nova morreram congeladas, pois o telhado da casa em que moravam foi arrancado pelos soldados. A primeira vítima de O'Feeney é seu antigo vizinho, Beartla O'Naughton, um coletor de aluguel que transformou o que restou da casa de sua mãe em pocilga, sob a justificativa de que eles eram primos. O'Feeney segue em busca de sua próxima vítima: Bolton, o juiz que condenou seu irmão ao enforcamento. Durante o julgamento de um irlandês acusado de roubar uma ovelha para alimentar a família, Bolton ordena que todos os presentes falem inglês, inclusive o julgado, que é condenado à prisão por não falar a língua do colonizador. Após o julgamento, quando questionado por O'Feeney quanto à morte de seu irmão, o juiz diz a ele que não tem culpa alguma pela morte, pois ele é apenas pago para executar a Lei. Antes de enforcá-lo, O'Feeney diz para Bolton, em irlandês: “Inglês não é a língua deste tribunal. Você é acusado pela morte do meu irmão, Michael O'Feeney. Como se declara?”

Historicamente, como consequência do projeto colonizador britânico, a língua irlandesa foi sendo apagada à medida que o inglês era cada vez mais imposto, principalmente nas áreas rurais pobres. Entre instituições que contribuíram para a expansão do inglês na Irlanda estão: a política nacionalista interna e a Igreja Católica, já que “tanto os principais movimentos sociais nacionalistas quanto a Igreja Católica modernizadora operavam através do inglês” (COLEMAN, 2003, p. 178, tradução nossa).

Temendo novas vinganças, a coroa britânica dá nova chance a Hannah. Segundo a coroa, ele é o único soldado capaz de deter O’Feeney, pois os dois serviram juntos no Afeganistão – mais adiante, Hannah revela a Hobson que O’Feeney salvou a sua vida e que ele sempre lutou pelos irlandeses e nunca pela coroa britânica. Inicialmente, Hannah recusa a proposta; porém, é pressionado a ceder pelas circunstâncias: ele agora é um prisioneiro e não mais o soldado condecorado de outrora. O plano é evitar que Lord Kimichael seja morto por O’Feeney.

No trem, a caminho de Ballybrack, Pope e Hannah são abordados por um jornalista, do *Wexford Independent*, que revela está fazendo uma reportagem sobre a economia da fome no Oeste. O jornalista defende que a praga e a política latifundiária britânica são responsáveis pelas inúmeras mortes. Com discurso moralista, citando passagens da Bíblia, Pope recusa o exemplar do jornal oferecido pelo jornalista, julgando que “Embriaguez e irresponsabilidade é a economia da fome no Oeste”.

O primeiro combate entre os personagens se dá após O’Feeney ter se vingado de Sr. Cronin, matando-o. Esse parece ser o momento em que se percebe uma identificação entre O’Feeney, Hobson e Hannah, já que estes dois parecem se recusar a atirar no desertor, o que permite a fuga de O’Feeney. À noite, enquanto os outros dormem, Hannah e O’Feeney conversam. Hannah pontua que a coroa britânica não tolera desertores, ao que O’Feeney responde: “Se eu mato um homem, eles dizem que é assassinato. Se eles matam, chamam isso de guerra, providência, justiça. De onde minha família vai conseguir justiça a não ser de mim?”. O’Feeney aconselha Hannah a desistir da perseguição; Hannah se diz determinado a ir até o fim, mesmo não demonstrando isso.

Pela manhã, os quatro chegam à propriedade de Lord Kimichael, um latifundiário inglês racista. Hobson se rebela contra a coroa britânica devido à falta de empatia com a população camponesa que esperava, ansiosamente, ao portão da propriedade de Lord Kimichael, para recolher grãos que caíam ao chão das carroças carregadas com destino à Inglaterra. Hannah e Pope tentam convencê-lo a desistir, mas fracassam. Então, Hobson é assassinado pelos soldados de Lord Kimichael.

Conneely tem com Lord Kimichael a conversa mais emblemática do filme, momento em que o latifundiário diz amar a Irlanda e se queixa da falta de apreço dos camponeses irlandeses pelas paisagens da Irlanda, ao que Conneely interfere: “A beleza, senhor,

poderia ser mais apreciada se pudesse ser comida”. Lord Kimichael concorda, mas logo insiste em seu discurso racista ao comparar a beleza (aparência) de irlandesas à de inglesas, ao que Conneely rebate: “Pegue a mais bonita donzela inglesa; coloque-a por uma temporada em uma cabana irlandesa; alimente-a com água e batata; vista-a com trapos; faça-a atravessar pântanos e dormir com o porco da família; tire dela qualquer esperança de que o futuro será diferente. E, quando ela rastejar para fora do chiqueiro, esticando a mão magricela por um centavo, qual será a aparência daquela linda donzela inglesa?”. Dessa vez, o discurso pontual de Conneely deixa Lord Kimichael sem palavras.

Os soldados armam uma emboscada para O’Feeney, mas fracassam, pois são traídos por Hannah, que é torturado e sentenciado à morte mais uma vez. Com a ajuda de Hannah, O’Feeney consegue raptar Lord Kimichael, levando-o para um lugar afastado da propriedade. Enquanto conversam, O’Feeney se recusa a falar inglês, então, Lord Kimichael chama a língua irlandesa de “língua aborígene”, insistindo para que O’Feeney fale em inglês, mas a resposta obtida é: “Nunca mais!”. No momento da execução de Hannah, O’Feeney retorna para resgatá-lo, concluindo seu plano de vingança. Os soldados acabam sendo os culpados pela morte de Lord Kimichael, já que ele é confundido com O’Feeney. Do lado de fora, começa uma grande agitação de camponeses, que tentam entrar na propriedade à força. Nesse momento, O’Feeney atira nos soldados que impedem o portão de ser aberto, resultando na dispersão dos camponeses para dentro da propriedade. Enquanto O’Feeney luta com Fitzgibbon, Conneely dá auxílio aos camponeses no saque aos grãos da propriedade e Hannah se esforça em encontrar uma rota de fuga para ele e O’Feeney. Os dois desertores conseguem fugir, mas não a tempo de evitar que O’Feeney seja alvejado por Pope.

Antes de morrer, O’Feeney aconselha Hannah a fugir para a “América”. As cenas seguintes mostram Hannah indeciso entre vingar a morte de O’Feeney e seguir viagem. O desfecho da narrativa se encarrega de focalizar a sobrinha de O’Feeney, a bordo de uma carroça, seguindo para a “América”. A filha de Ellie, Rosin, é reconhecida pelo chapéu e o saquinho contendo “xelins do rei”, que pertenciam a O’Feeney.

É preciso pontuar que, na narrativa, não há representação de um movimento nacionalista organizado. Porém, observam-se, sobretudo, insurreições isoladas e quase sempre individuais. Algo que se nota é o surgimento gradual da “identidade de classe” entre as personagens (SALATA, 2015). Com relação aos personagens Hannah e Conneely, as ações vingativas de O’Feeney são responsáveis por despertá-los à consciência de classe.

Nesse sentido, a identidade de classe de um indivíduo não seria um reconhecimento – correto ou distorcido – de sua ‘verdadeira’ posição; tratar-se-ia, na verdade, de uma maneira de se diferenciar ou aproximar de outros, um modo de afirmar a que classe de indivíduos gostaria de estar próximo, e das quais pretenderia se distinguir (SALATA, 2015, p. 114).

Dessa forma, Hannah, Conneely (conscientemente) e Hobson (inconscientemente) se aproximam de O'Feeney ao passo em que se diferenciam dos soldados Capitão Pope e Fitzgibbon. Ainda, em dois momentos, O'Feeney é referido pelos soldados como um membro dos Bandoleiros, portanto, nacionalista irlandês e inimigo da coroa britânica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Black ‘47” é um filme dedicado à memória dos irlandeses que sofreram os efeitos da Grande Fome na Irlanda, principalmente aqueles que morreram ou foram forçados à diáspora. Dessa forma, o foco discursivo assumido é a representação das demandas sociais da população camponesa do contexto (econômico, social e político) em face do regime político britânico de austeridade imposto à sociedade irlandesa pobre.

É importante ressaltar a relevância de narrativas ficcionais cinematográficas contemporâneas que têm sido utilizadas como ferramentas eficientes para representar eventos histórico-sociais de maneira didática e crítica, e sem compromisso com o revisionismo histórico. Assim, “Black ‘47” pode ser visto como narrativa fílmica que se propõe a representar um recorte da história irlandesa a partir da perspectiva do sofrimento dos colonizados, mas sem deixar de refletir sobre a culpabilidade dos colonizadores.

É preciso se atentar para não confundir o nacionalismo da periferia com o nacionalismo europeu, pois este defendia a imposição de política eugênica e racista nos países colonizados. No contexto da Irlanda, essa ideologia é observada em políticas britânicas colonizadoras do século XVII, por exemplo, que permitiram e apoiaram as imigrações escocesa, galesa e inglesa, a fim de substituir os povos nativos (celtas) por povos europeus “bem nascidos”.

Também, é preciso ter cuidado para não confundir unionistas com protestantes, porque nem todo protestante defendia o Ato de União. Uma alternativa para superar a confusão estigmática/sectária pode ser alcançada através da perspectiva da divisão de classes na Irlanda em meio à emergência do sistema capitalista industrial europeu. Em termos marxistas, a saber: a) burguesia (classe alta): protestantes unionistas (latifundiários); b) classe trabalhadora (classes média e baixa, respectivamente): protestantes nacionalistas (pequena burguesia rural) e população camponesa (proletariado).



## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Black '47. Direção: Lance Daly. Roteiristas: Lance Daly, Pierce Ryan e P. J. Dillon. Irlanda: Element Pictures, 2018.

COLEMAN, Steve. The centralised government of liquidity: community, language and culture under the Celtic Tiger. In: COULTER, Colin; COLEMAN, Steve (Orgs.). **The end of Irish history?: critical reflections on the Celtic Tiger**. New York: Manchester University Press, p. 175-191, 2003.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Young Ireland**: Irish nationalist movement. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Young-Ireland>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

FAGAN, G. Honor. Globalised Ireland, or, contemporary transformations of national identity? In: COULTER, Colin; COLEMAN, Steve (Orgs.). **The end of Irish history?: critical reflections on the Celtic Tiger**. New York: Manchester University Press, p. 110-121, 2003.

GLYNN, Brian. Roger Casement: de Diplomata britânico à revolucionário irlandês. In: MUTRAN, Munira H.; IZARRA, Laura P. Z. (Orgs.). **Lectures**: 2016. São Paulo: Humanitas, 2016.

GRÁDA, Cormac Ó. **Ireland's Great Famine**: an overview. Centre for Economic Research: University College Dublin, 2004.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado, **Estudos Avançados**, vol. 22, no. 62, São Paulo, jan./abr. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000100010>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

KEOHANE, Kieran; KUHLING, Carmen. Millenarianism and utopianism in the new Ireland: the tragedy (and comedy) of accelerated modernization. In: COULTER, Colin; COLEMAN, Steve (Orgs.). **The end of Irish history?: critical reflections on the Celtic Tiger**. New York: Manchester University Press, 2003.

MOANE, Geraldine. Colonialism and the Celtic Tiger: legacies of History and the quest for vision. In: KIRBY, Peadar; GIBBONS, Luke; CRONIN, Michael (Orgs.). **Reinventing Ireland**: Culture, Society and the Global Economy. London: Pluto Press, 2002.

NELSON, Bruce. **Irish Nationalists and the making of the Irish race**. Princeton: Princeton University Press, 2012. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/book/30495>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

O'BRIEN, Eugene. **Examining Irish nationalism in the context of literature, culture and religion**: a study of the epistemological structure of nationalism. Portland: Book News, 2001. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/f972/4286fef95aa5b1f6d9a3b7db9caba89d8f31.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

OHLMEYER, Jane. 1916: contextos e consequências. In: MUTRAN, Munira H.; IZARRA, Laura P. Z. (Orgs.). **Lectures**: 2016. São Paulo: Humanitas, 2016.

PECK, Deborah. **An Gorta Mór**: The Great Famine and its Aftermath. Tese (Doutorado) – Escola

Profissional de Psicologia de Massachusetts. 2000.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s), **VI Congresso SOPCOM**, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

POLLARD, Hugh B. C. **The secret societies of Ireland: their rise and progress**. London: P. Allan, 1922.

RUDÉ, George. **La multitud en la historia: estudio de los disturbios populares en Francia e Inglaterra, 1730-1848**. Tradução: Ofelia Castillo. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

SALATA, André Ricardo. Quem é classe média no Brasil?: um estudo sobre identidades de classe, Rio de Janeiro, **Dados**, vol. 58, n. 1, jan./mar., 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/dados/v58n1/0011-5258-dados-58-1-0111.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SLATTERY, David. Fear and loathing in lost ages: journeys through postmodern Dublin. In: COULTER, Colin; COLEMAN, Steve (Orgs.). **The end of Irish history?: critical reflections on the Celtic Tiger**. New York: Manchester University Press, 2003.

THORNTON, Mark. **O que causou a grande fome da Irlanda?**. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1925>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

Título em Inglês:

## THE REPRESENTATION OF THE NATIONALIST FIGHT AND THE EFFECTS OF GREAT FAMINE IN “BLACK ‘47” (2018)